

Ética, mídia e comunicação

RELAÇÕES SOCIAIS EM
UM MUNDO CONECTADO

LUÍS MAURO SÁ MARTINO
ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES

ÉTICA, MÍDIA E COMUNICAÇÃO
Relações sociais em um mundo conectado
Copyright © 2018 by Luís Mauro Sá Martino e
Ângela Cristina Salgueiro Marques
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Capa: **Alberto Mateus**
Produção editorial: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO – NO PRINCÍPIO ERA O OUTRO: ENTRE ÉTICA, MORAL E COMUNICAÇÃO	15
1 ÉTICA E SUBJETIVIDADE: O QUE É SER ALGUÉM?	31
2 ÉTICA E NARRATIVA: FALAR DE SI, FALAR DOS OUTROS	43
3 PEQUENOS PROBLEMAS, GRANDES NEGÓCIOS: A ÉTICA DAS DECISÕES COTIDIANAS	53
4 POR FAVOR, LEIA ESTE CAPÍTULO: A ÉTICA DA POLIDEZ	63
5 A ÉTICA DA CONVERSAÇÃO: POR QUE É COMPLICADO FALAR COM OS OUTROS.	75
6 RECONHECIMENTO, AUTONOMIA E ÉTICA: A COMUNICAÇÃO E O DIREITO À CIDADANIA	91
7 “NÃO FALE COM ESTRANHOS”: COMUNICAÇÃO, ALTERIDADE, AMIZADE	103
8 EM QUE MUNDO VOCÊ VIVE? A ÉTICA E OS ENQUADRAMENTOS DO COTIDIANO.	119
9 ESTEREÓTIPOS, MÍDIA E REALIDADE	129

10	VOCÊ DISSE “BEM INFORMADO”? A ÉTICA DA NARRATIVA	139
11	A ÉTICA DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA: ARISTÓTELES ENCONTRA FRANK UNDERWOOD	153
12	O DIREITO DE FALAR: A ÉTICA E A LIVRE EXPRESSÃO	167
13	COMO A ÉTICA SOBREVIVE DIANTE DOS INTERESSES?	177
14	A ÉTICA DAS IMAGENS: REPRESENTAÇÃO E PODER NO MUNDO VISUAL/VIRTUAL	191
15	OLHANDO PARA NÓS: ÉTICA E AFETIVIDADE NA PESQUISA ACADÊMICA	203
	PARA TERMINAR: CINCO DESAFIOS DA ÉTICA NA COMUNICAÇÃO	217
	REFERÊNCIAS	227

Apresentação

NO SENSO COMUM, o termo “ética” é geralmente utilizado para indicar e julgar atitudes de pessoas, empresas ou grupos – “isso é falta de ética”, “essa empresa não tem ética”, “é preciso ter um comportamento ético”. Há, nesse uso da palavra, certa ideia de acusação. Muitas vezes, basta alguém falar de ética para que se crie um clima de expectativa, julgamentos e decisões. É como se houvesse uma única régua ética capaz de julgar todos os comportamentos e atitudes.

Nada mais distante do conceito de ética proposto neste livro. Em primeiro lugar, não existe uma única definição para a palavra. Ao longo do tempo, vários filósofos e pensadores deram sentidos específicos a ela – e, como quase sempre acontece na filosofia, nem sempre estes conversam entre si. Além do mais, nenhuma ética indica, em termos absolutos, o que é “certo” ou “errado”, ao menos como entendemos essas palavras no cotidiano.

Ao contrário, a reflexão ética procura justamente entender *por que* consideramos uma ação “correta” ou não em determinado contexto. Isso significa que, na reflexão sobre o tema, não é possível definir um padrão como “ético” e dizer que todos os outros estão errados. No dia a dia isso pode ser comum e até relativamente fácil – para nossa sorte, não temos de prestar contas de todas as vezes que julgamos ou avaliamos o comportamento de outros indivíduos. E, principalmente, nem sempre ficamos sabendo quando avaliam o *nosso*.

Ética não é um conjunto de regras para definir o que é certo ou errado, o bem ou o mal. É uma oportunidade de pensar sobre nossas atitudes e ações, suas motivações e consequências. No caso da comunicação, pensar sobre ética significa, entre outras coisas, questionar como estamos nos relacionando com os outros e como essas interações traçam e alteram os quadros de sentido que nos fornecem orientações para organizarmos reflexivamente nossas experiências.

Pensar a ética, na perspectiva deste livro, é pensar a prática – olhar para as relações de comunicação nos muitos espaços em que ela acontece, da complexidade das redes nas mídias digitais ao simples ato de dizer “oi!” a alguém, passando pelas questões profissionais do mercado e das grandes empresas de mídia. Por isso, nossa proposta não é dizer o que fazer, mas perguntar por que fazemos, isto é, por que motivos agimos de determinada maneira e não de outra quando nos comunicamos.

Questões éticas aparecem o tempo todo em nosso cotidiano. No caso da comunicação, a ética está diretamente ligada à maneira como construímos nossa relação com os outros – o “bom-dia” que escolhemos dar a determinado indivíduo já estabelece com este uma ligação. Por isso, tomamos como ponto de partida que a comunicação, em si, é uma ação ética: se ela nos liga a outra pessoa, se se dirige ao outro para criar um “nós”, seu fundamento é, por definição, ético – a ideia não é nossa, mas vem sendo construída em nossas conversas e, principalmente, com a leitura de diversos autores que versam sobre o tema. Por isso, optamos aqui por analisar como isso acontece nas relações de comunicação, nas interações e trocas simbólicas cotidianas entre seres humanos – mediados ou não pela tecnologia e pelas diversas instituições que nos enredam.

Nosso objetivo não é prescrever, mas perguntar. Este livro está longe de ser um manual com normas de procedimentos. A tarefa a que nos propomos, ao contrário, é justamente questionar – por exemplo, o que dizem as normas éticas dos manuais? E, antes disso, o que é uma norma ética?

Ética, mídia e comunicação trabalha o assunto em termos panorâmicos, sem entrar nas questões específicas de ética profissional. A ideia é colocar, em primeiro plano, a comunicação como um fenômeno humano, que antecede as atividades profissionais. Assim, não vamos falar de “ética na publicidade”, “ética no jornalismo”, ou “ética em relações públicas”. Além de existirem no mercado excelentes livros específicos a esse respeito, a discussão aqui não é sobre as práticas de uma profissão, mas sobre as ideias que fundamentam a ética nas relações de comunicação.

Nossa preocupação, aliás, foi justamente estabelecer conexões com os outros títulos disponíveis no mercado editorial. Há, nesse aspecto, trabalhos clássicos de Clóvis de Barros Filho, Francisco José Karam, Luciene Tófoli, Rogério Christofolletti e Caio Túlio Costa, com os quais não apenas aprendemos como também procuramos dialogar.

UM LIVRO EM DUAS CIDADES

Este livro tem uma história deliciosamente acidentada. Começou a ser escrito sem que a gente soubesse. Em 2011, quando os primeiros capítulos foram esboçados, ainda não imaginávamos que nossas conversas informais sobre comunicação poderiam virar textos, depois artigos, apresentações, eventos acadêmicos e, bom, um livro. O percurso de escrita, nesses oito anos, inclui duas famílias, três crianças, 600 quilômetros de distância (ou mais, se contarmos algumas jornadas internacionais), muitas salas de aula e duas pessoas interessadas em conhecer um pouco melhor as relações entre ética, mídia e comunicação.

Em 2010, ambos trabalhávamos no Programa de Mestrado da Cásper Líbero. Ali, percebemos que alguns temas com os quais lidávamos tinham aspectos éticos muito evidentes – questões sobre política, linguagem e epistemologia sempre remetiam à relação com os outros e, portanto, às questões éticas e morais.

Com base nessas conversas, escrevemos alguns trabalhos em conjunto, focalizando temas específicos. Depois, passamos a apresentá-los em congressos e a publicá-los em revistas especializadas – processo que continuou mesmo quando Ângela foi para a Universidade Federal de Minas Gerais, no final de 2011.

Por coincidência, os primeiros filhos de cada um nasceram com pouco tempo de intervalo – Lucas, em São Paulo, em dezembro de 2011; Fernando, em Belo Horizonte, em outubro de 2012. Uma parte deste livro foi escrita, literalmente, com eles no colo – naquelas infinitas noites maldormidas, produzíamos e editávamos partes do texto e trocávamos impressões por *e-mail*.

Mas a ideia de transformar aquele material em livro veio, sobretudo, da sala de aula. Nossos alunos, tanto na Cásper Líbero quanto na UFMG – e, no caso de Luís Mauro, também no curso de Música da Faculdade Cantareira –, foram os principais motivos para tanto. O que, aliás, se ampliou com amigos e colegas de várias universidades no Brasil e do exterior com quem temos a oportunidade de dialogar e aprender.

Com base nisso, escrevemos uma primeira versão e apresentamos à Soraia Bini Cury, da Summus Editorial, em meados de 2012. (Ou já era 2013? Na velocidade da mídia, os fluxos de memória podem se enganar com ainda mais facilidade.) Após uma leitura atenta, comentários e indicações, decidimos reformular o trabalho.

As atividades acadêmicas e a vida pessoal, no entanto, não deixaram o trabalho prosseguir na velocidade que gostaríamos. Mas isso acabou se revelando uma vantagem: houve um tempo de distância, fundamental na escrita. Tivemos a oportunidade de participar de outros ambientes acadêmicos, nos quais algumas ideias surgiram e outras amadureceram. Temas foram incluídos, questões apareceram, incorporamos ideias e sugestões. E, sobretudo, houve um intervalo maior para decisões a respeito do formato e do estilo do texto. A escrita tem seu tempo, e respeitá-lo também foi um processo de aprendizado.

Quando terminamos o livro, no final de 2017, o resultado era diferente da proposta de 2013 (ou foi 2012?). E, esperamos, diferente para melhor.

RECONHECENDO DÍVIDAS

Fizemos a opção editorial de não seguir as normas de citação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Diminuímos quanto foi possível o número de citações e procuramos sempre mencionar autoras, autores e livros, e não o sistema autor-data – “segundo Einstein (1954)..” –, buscando com isso deixar a leitura mais fluida e direta. Um livro, nesse ponto, se diferencia da tese e do artigo acadêmico, com suas características próprias de forma e conteúdo. Isso não significa, de modo nenhum, a pretensão de um “pensamento original” nosso: ao contrário, os débitos estão reconhecidos ao final de cada capítulo e, mais ainda, na bibliografia – e, se algo nos escapou, corrigiremos imediatamente em uma próxima edição.

Procuramos, ao longo do livro, trazer exemplos próximos, tanto da vida cotidiana quanto de séries de TV, filmes, músicas e obras literárias de sucesso. A ideia não é estudar nenhum deles, mas pensá-los como casos com base nos quais podemos discutir os temas do trabalho.

AGRADECIMENTOS EM VÁRIOS ESTADOS

Ética, mídia e comunicação nasce da vontade de saber, da curiosidade de aprender e entender um pouco mais a respeito da comunicação no mundo social a partir de nossas experiências pessoais, dos diálogos em sala de aula, das atividades de orientação e das conversas com colegas, dentro e fora das universidades.

A sala de aula, como dissemos, está na origem de muitas das questões de fundo desta obra. Por isso, agradecer nominalmente

a cada uma e a cada um de vocês preencheria mais páginas do que seria possível em qualquer norma editorial. Mas, se o agradecimento é geral, não é menos profundo e sincero por isso.

Na Summus, agradecemos a leitura, o incentivo e as sugestões de Soraia Bini Cury. Sua visão editorial foi fundamental para nos ajudar a decidir aspectos de forma e conteúdo do livro. No âmbito pessoal, temos algumas pessoas sem as quais nada disso teria acontecido.

Antonio Carlos e Vera Lúcia, pais de Luís Mauro, sua esposa Anna e seu filho Lucas são as relações fundamentais que ensinam a ética do bem-viver a cada dia.

João Calixto e Ângela Maria, pais de Ângela Marques, Ione e Marcus (sogros de coração), Ângelo, Fernando e Cristiano, que com ela desenham e redefinem pacientemente as relações e os vínculos que amparam nossa existência.

Belo Horizonte/São Paulo, nos vários e magníficos cenários da Rodovia Fernão Dias,
2018

Introdução – No princípio era o outro: entre ética, moral e comunicação

ALGUNS MILÊNIOS ATRÁS, AS primeiras criaturas parecidas com o ser humano atual começaram a viver juntas. Os laços familiares aos poucos foram se desdobrando em vínculos sociais, nos clãs, nas tribos e, mais tarde, nas sociedades e nações. A exemplo de outros animais, os humanos notaram que a sobrevivência de um indivíduo seria facilitada pelo convívio em grupo. No entanto, por alguma razão, aquilo que era absolutamente natural e simples para os animais mostrou-se incrivelmente complexo para o ser humano: viver com os outros.

A convivência humana tornou-se problemática logo de início. A continuidade da vida em comunidade, fundamental para a existência da espécie, precisava de regras. Timothy Chappell, em seu livro *Ethics and experience*, argumenta que a ética nasceu quando, pela primeira vez, seres humanos decidiram usar a razão para tomar decisões a respeito dessas regras e, particularmente, de seus comportamentos na vida social. O que fazer? Como proceder? Qual é a decisão mais justa, mais correta? O autor britânico situa o nascimento da ética na Grécia clássica por conta desse vínculo entre decisão e racionalidade: enquanto as decisões eram tomadas com base em uma consulta aos astros, no transe de um feiticeiro ou na autoridade do rei, não havia uma “ética” propriamente dita.

A ética, como exame racional dos valores morais que orientam as ações, nasce quando há possibilidade de escolha individual – o que, imediatamente, implica também responsabilidade individual.

As preocupações ético-morais estão espalhadas pela vida social. A cada decisão tomada, por mais simples que seja, é preciso movimentar uma série de valores que têm algum fundamento racional. Quando alguém nos pergunta a razão de nossos atos, em geral respondemos com uma explicação baseada em um *porquê*. Esse tipo de explicação, na filosofia, costuma ser chamada de “máxima” ou, ainda, de “princípio”. Essas máximas, mais do que elementos teóricos, são abstrações feitas com base no comportamento dos indivíduos.

Nesse sentido, assuntos referentes à ética e à moral são parte da “razão prática”, na medida em que se referem a abstrações teóricas e elaborações mentais obtidas pela observação de comportamentos. Um candidato pode repetir quanto quiser em sua campanha política que tem ética no trato com a coisa pública; no entanto, seus verdadeiros princípios só serão entendidos de fato observando-se suas ações. Daí o descompasso que notamos muitas vezes entre os princípios éticos alegados de determinados indivíduos e suas atitudes práticas.

Se perguntarmos às pessoas se mentir é certo ou errado, boa parte delas condenará, em princípio, a mentira; no entanto, se entrarmos em detalhes – por exemplo, se é certo mentir para salvar uma vida humana –, é possível que muitas delas comecem a relativizar a questão e a mostrar que o princípio ético absoluto alegado (“não mentir”) é, em muitos casos, dobrável às circunstâncias. Em tese, isso permitiria observar os princípios que, de fato, seriam colocados em prática (“não mentir, exceto quando for para salvar uma vida”) em qualquer situação (“não mentir, exceto para obter vantagens pessoais”).

Mas isso pode ser interpretado de outra maneira: não é a pessoa que é contraditória, nós é que prestamos atenção aos princípios que ela *diz* ter em vez de observarmos, com base em suas ações, os princípios que de fato ela coloca em prática.